

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Transtorno do Espectro do Autismo

Aléssia Neves Celestino

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO
ESCOLAR: possibilidades e desafios**

Belo Horizonte
2020

Aléssia Neves Celestino

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO
ESCOLAR: Possibilidades e desafios**

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Transtorno do Espectro do Autismo.

Orientadores: Prof. MS Nivânia Maria de Melo Reis

Belo Horizonte
2020

150
C392t
2020

Celestino, Aléssia Neves.

Transtorno do espectro autista e educação física no contexto escolar [recurso eletrônico] : possibilidades e desafios / Aléssia Neves Celestino. - 2020.

1 recurso online (29 f.) : pdf

Orientadora: Nivânia Maria de Melo Reis.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Transtorno do Espectro Autismo - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Transtornos do espectro autista. 2. Educação física. 3. Escolas. 4. Professores. I. Reis, Nivânia Maria de Melo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO



ATA DA DEFESA DA MONOGRAFIA DA ALUNA ALESSIA NEVES CELESTINO

Realizou-se, no dia 14 de março de 2020, às 09:00 horas, escola de educação física fisioterapia e terapia ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de monografia, intitulada *TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS*, apresentada por ALESSIA NEVES CELESTINO, número de registro 2018702801, graduada no curso de TERAPIA OCUPACIONAL, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Nivânia Maria Melo Reis - Orientador (PUC MINAS), Prof(a). Ana Amelia Cardoso Rodrigues (UFMG), Prof(a). Gabriela dos Santos Bretas (UFMG).

A Comissão considerou a monografia:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 14 de março de 2020.

Prof(a). Nivânia Maria Melo Reis (Mestre)

Prof(a). Ana Amelia Cardoso Rodrigues (Doutora)

Prof(a). Gabriela dos Santos Bretas (Graduada)

RESUMO

Esse estudo tem como objetivo, consoante com a revisão de literatura, avaliar a as possibilidades e desafios da participação do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de educação física, a fim de identificar quais são os efeitos de sua participação tanto para os professores e os alunos, quais dificuldades encontradas por ambos e qual a formação dos professores em relação ao tema. O TEA é um tema atual, porém complexo e muitos professores de educação física não possuem conhecimento ou formação na área específica. Tornando-se assim um desafio para os profissionais da educação física que buscam sua inclusão no contexto escolar. Através da revisão de literatura foi possível averiguar que quando há conhecimento sobre o tema, capacitação, discussão nas reuniões de equipe, suporte da escola, inclusão efetiva, há uma maior participação dos alunos e interação com os demais alunos de classe, frente ao seu processo de participação nas aulas de educação física.

Palavras-Chave: Autismo, educação física escolar, educação inclusiva, autismo e educação física e autismo e educação física escolar.

ABSTRACT

This study aims, according to the literature review, to evaluate the possibilities and challenges of the participation of Autistic Spectrum Disorder (ASD) student in the physical education classes, in the order to identify what are the effects of the participation for both, teachers and students, which difficulties are founded and what is the teacher's professional qualifications related to this topic. ASD is a current but a complex theme and many physical education teachers does not have knowledge or professional studies in this specific area. Thus becoming a challenge for physical education professionals who seek their inclusion in the school context. Through the literature review, it was possible to verify in the physical education classes, that when there is knowledge on the subject, technical capacitation, discussion in team meetings, school support, effective inclusion, there is a greater participation of students and interaction with other class students.

Keywords: Autism, school physical education, inclusive education, autism and school physical education

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	8
2-METODOLOGIA.....	10
3- AUTISMO	11
4- EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	14
5- A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	16
6- RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
7- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	30

1-INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva realizar uma revisão da literatura sobre o tema Transtorno do espectro autista e educação física escolar: analisando as possibilidades e desafios. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado com “prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades” e inicia-se nos primeiros anos de vida (APA, 2014). É comum que esse quadro ocasione também alguns sintomas (ou alterações) nos aspectos motores e corporais das crianças com TEA.

O tema TEA foi discutido durante todo curso com mesmo nome, a escolha da educação física por mim, tem a ver com a minha formação em bacharel em educação física, em 2016. Durante minha graduação não tive oportunidade de aprender sobre o autismo, nem nas disciplinas regulares do curso, nem nas disciplinas eletivas. Averigui junto aos meus colegas da licenciatura e os mesmos relataram não ter sido esse assunto discutido durante a formação dos mesmos.

Corroborando com minha indagação, tive acesso a uma pesquisa realizada por Alípio (2014), onde participaram 146 pessoas, dos quais 106 eram graduados em educação Física e, 40 estudantes desta mesma área, com os quais foi aplicado um questionário cujo conteúdo dos itens são derivados de literatura que aborda o comportamento motor em crianças com TEA, o resultado da pesquisa encontrado demonstra que os professores e estudantes de Educação Física necessitam de maior informação em relação comportamento motor do aluno com TEA.

Sou formada em Terapia Ocupacional e trabalho com a técnica de Integração Sensorial junto ao público infantil com TEA, e constato a partir da aplicação de testes padronizados que a maioria das crianças, com esse diagnóstico, tem problemas no comportamento motor. Déficits motores são comuns nas crianças com TEA, tanto indivíduos com funcionamento elevado quanto baixo, podem apresentar esses déficits, porém, essas alterações não são o aspecto central no autismo (LARSON; MOSTOFOSKY, 2009).

Ao fazer tais avaliações sempre pergunto para as mães das crianças com TEA como tem sido a adaptação dos mesmos na escola, o processo de inclusão nas mesmas, sobre a participação de seus filhos nas aulas e principalmente nas aulas de

educação física. Os relatos que recolho, na maioria das vezes, é sobre a não participação efetiva dos filhos nas aulas de educação física, devido as suas limitações na coordenação motora. Em contato com alguns professores de educação física dos meus clientes com TEA recolho o relato de que não tiveram formação específica sobre como poderiam atuar com alunos com TEA. Geralmente, a atuação dos mesmos junto aos alunos com TEA e a inserção dos mesmos, em suas aulas, se dá pela observação do seu aluno, tais como sobre as suas preferências em relação a determinadas atividades. Os mesmos procuram se capacitar através de cursos, leitura de artigos científicos e livros para obterem conhecimentos e realizar uma prática mais inclusiva em suas aulas.

Diante da necessidade de discutir e analisar a democratização de oportunidades educacionais escolares para que todos os alunos com TEA tenham acesso a uma educação de qualidade com práticas educativas e inclusivas. E, buscando um maior entendimento sobre a relação entre a educação física escolar e transtornos do espectro autismo, o objetivo deste trabalho foi avaliar, por meio de uma revisão sistemática da literatura, as possibilidades e desafios da participação do aluno TEA nas aulas de educação física, bem como quais são os efeitos de sua participação tanto para os professores como para os alunos, e identificar quais dificuldades encontradas por ambos e qual a formação dos professores em relação ao tema.

2 -METODOLOGIA

O presente estudo estrutura-se numa dimensão descritiva, amparado através da revisão sistemática da literatura e levantamento de estudos nas principais bases de dados que demonstram a relação da educação física escolar e transtorno do espectro autismo, com foco nas suas dificuldades e nas possibilidades.

Esta revisão bibliográfica foi desenvolvida a partir de artigos encontrados na base eletrônica de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed, Scielo, WorldWideScience, Google Acadêmico, Periódicos Capes e livros. O levantamento reuniu artigos nacionais no período de 2011 a 2019.

As palavras-chaves utilizadas na pesquisa foram: Transtorno do Espectro Autista, autismo, educação inclusiva, educação física escolar, autismo e educação física escolar. O critério de inclusão dos artigos foi a partir de estudos que relacionavam os desafios e possibilidades da inclusão do aluno com transtorno do espectro autista nas aulas de educação física escolar. Tal busca, resultou na utilização de 14 artigos para o desenvolvimento desse trabalho.

3- AUTISMO

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por comprometimento sócio- comunicativo e presença de comportamento repetitivo e estereotipado (APA, 2014).

A palavra Autismo vem do grego autós que significa “si mesmo” ou comportamento para de voltar-se para si mesmo” (GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012). Em 1911 o psiquiatra Bleuler utilizou o termo pela primeira vez no livro “Dementia praecox oder Gruppe der Schizophrenien”, associando-o com a esquizofrenia e descrevia a alienação e a perda de contato com a realidade. Kanner (1943) e Asperger (1944) de forma independente e quase simultaneamente utilizaram o termo onde referia-se as crianças com deficiência no desenvolvimento e um déficit no relacionamento interpessoal (TUCHMAN; RAPIN, 2009). A incidência do transtorno Espectro Autista é maior em meninos em relação a meninas, numa proporção média de 4,2 nascimentos de meninos para cada menina (FOMBONE, 2009).

Dados divulgados pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC) em 2012, revela a prevalência de TEA de 1:88 crianças com idade de oito anos. Com prevalência maior em meninos que meninas 4,6:1. Para a pesquisa foram extraídas informações médicas e escolares de 337.093 crianças (CDC, 2012). Outra pesquisa divulgada pela CDC (2014), revela a prevalência de TEA de 1:68 crianças com idade de 08 anos. Recentemente outra pesquisa divulgada pela CDC (2018) revela que a prevalência aumentou para 1:59 crianças com 08 anos de idade nos EUA. Dados do governo americano em 2013 divulgados pelo (CDC), revelam que entre crianças com 6 e 17 anos de idade a prevalência TEA nos EUA é de 1: 50 crianças, baseado numa pesquisa realizada por telefone com 91.642 família (BLUMBERG et al, 2013). E recentemente outros dados divulgados em 2018 revelou a prevalência de TEA de 1:40 crianças entre 03 e 17 anos de idade. No mundo há uma prevalência global aproximadamente 1:100 casos (APA, 2014). No Brasil há apenas um trabalho referente a taxa de prevalência, a pesquisa foi realizada através de um estudo piloto na cidade de Atibaia-SP e realizada num bairro de apenas 20 mil habitantes onde a prevalência é 1:367 crianças (RIBEIRO, 2007).

De acordo APA (2014) esses são os critérios de diagnósticos de TEA

A- Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos. Manifestado por:

1-Reciprocidade sociemocional com déficits, podendo variar de acordo com abordagem social anormal, com dificuldade em iniciar ou manter interações sociais

2- Comprometimentos comunicativos não verbais e verbal com déficits usados para interação social, incluindo ausência das expressões faciais próprias da comunicação não verbal

3-Manutenção, compreensão e desenvolvimento dos relacionamentos com déficits, com ausência de interesse por pares

B- Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Manifestado por:

1- Fala e uso objetos estereotipados ou repetitivos, movimentos motores presentes

2- Rituais imutáveis de comportamento verbal e não verbal, inflexibilidade na rotina e insistência nas mesmas coisas

3- Interesses fixos a objetos incomuns e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco

4- Em relação aos estímulos sensoriais pode apresentar hiper ou hiporreatividade, ou interesse incomum em ambientes que apresentam aspectos sensoriais (APA, p.50, 2014).

A gravidade dos casos baseia-se em prejuízos na comunicação social e em ações restritos ou repetitivos de comportamento.

Níveis de gravidade para transtorno do Espectro Autista

Nível de gravidade: Demanda suporte intenso

Comunicação social

Prejuízos graves de funcionamento devido há déficits graves nas habilidades de comunicação verbal e não verbal. Mínima resposta social ao contato com outras pessoas devido as interações sociais limitadas.

Comportamentos restritos e repetitivos

Extrema dificuldade em lidar com mudanças ou comportamentos restritos, repetitivos devido a inflexibilidade de comportamento interferem muito em todas as esferas. Grande dificuldade no redirecionamento dos interesses / grande sofrimento

Nível de gravidade: Demanda suporte grande

Comunicação social

Prejuízos graves de funcionamento devido há déficits graves nas habilidades de comunicação verbal e não verbal mesmo com suporte em locais limitados, respostas reduzidas ou anormais ao contato social com outras pessoas, com limitação em dar início a interação social

Comportamentos restritos e repetitivos

Dificuldade em lidar com mudanças ou comportamentos restritos devido a inflexibilidade de comportamento são óbvios a um observador casual

Nível de gravidade: Demanda suporte

Comunicação social

Prejuízos notáveis causados pelos déficits na comunicação verbal quando não há apoio. Dificuldades em iniciar relações sociais e exemplos de resposta atípica e sem sucesso no relacionamento social e interesse reduzido pela interação social

Comportamentos restritos e repetitivos

Interferência significativa em um ou vários contextos, causada pela inflexibilidade de comportamento. Dificuldades em trocar de atividades. Problemas no planejamento e organização (práxis), são obstáculos a independência (APA, p.52, 2014).

Em relação ao desenvolvimento e curso do TEA deve-se observar o início e o padrão. Geralmente os sintomas são reconhecidos com idade entre 12 a 24 meses, podendo ser antes dos 12 meses de idade se forem graves os atrasos de desenvolvimento ou mais sutis podem ser percebidos aos 24 meses. As características comportamentais do TEA são evidentes nos primeiros anos de vida, não apresentando interesse em interações sociais. Os padrões de início podem incluir perdas na fala e linguagem e habilidades sociais ou quaisquer atrasos precoces no desenvolvimento (APA, 2014).

Fatores de risco:

Ambientais: idade avançada dos pais, nascer com baixo peso ou feto exposto a ácido valpróico.

Genéticos: A estimativa em relação a herança genética varia entre 37% a 90% ou mais taxa baseada entre gêmeos. Estima-se que 15% do TEA a alguma mutação genética conhecida (APA, 2014)

Em relação às questões diagnósticas relativas à cultura: como existem comportamentos diferentes em cada cultura em relação a comportamentos, interação social e comunicação não verbal, faz-se necessário avaliar se os indivíduos com TEA apresentam prejuízos marcados em relação ao seu contexto cultural inserido. Já em relação às questões diagnósticas relativas ao gênero: faz-se necessário registrar que há uma frequência maior no sexo masculino. Uma das consequências funcionais em relação ao TEA está relacionada as dificuldades e impedimento de aprendizagem devido à ausência de capacidades sociais e comunicacionais (APA, 2014).

É válido ressaltar a importância de se realizar o diagnóstico diferencial em relação aos seguintes quadros: síndrome de Rett, mutismo seletivo, transtorno da linguagem e transtorno da comunicação social (pragmática), deficiência intelectual sem TEA, transtorno do movimento estereotipado, transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e esquizofrenia (APA, 2014).

4- EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação inclusiva tem sido tratada historicamente, como um processo em evolução através de muita luta, debate e militância. Neste processo, podemos pontuar alguns acontecimentos históricos que evidenciam a evolução no tratamento social e educacional de pessoas com deficiências. Para uma síntese destes acontecimentos, usaremos as concepções dos autores Vagula e Vedoato (2014).

Na idade antiga, pessoas com deficiências viviam escondidas da sociedade onde viviam, escondidas em casa, tendo uma vida reclusa, ficando completamente segregado. O tratamento disponibilizado era o abandono, tortura ou extermínio.

Posteriormente, na idade média, iniciou-se um processo de institucionalização, em que pessoas com deficiência eram tratadas em instituições (conventos, hospitais e asilos). As instituições funcionavam na base da benemerência. Os indivíduos eram segregados nessas instituições por serem considerados inúteis a sociedade.

A partir do século XX, iniciou um processo de desinstitucionalização, ato de tirar esses indivíduos das instituições “especializadas” e trazê-los para o convívio social com base no princípio de normalização. O pretendido era colocar em prática o paradigma da integração, com o intuito de capacitar e preparar as pessoas com deficiência para que pudessem se integrar na sociedade, na tentativa de torná-los pessoas “normais”. Nesse período o sujeito precisava se ajustar e se adaptar a sociedade. O paradigma da integração foi o primeiro passo para que esses alunos pudessem frequentar a escolar regular, pois havia a proposta de que após um determinado período em classes especiais, se o aluno passasse por uma avaliação e fosse aprovado, ele poderia ingressar na classe comum.

Na década de 70, começou-se a instaurar o paradigma da inclusão. A inclusão diz respeito a uma concepção de tratamento destas pessoas e das situações nas quais elas se encontram na sociedade. A sociedade precisa se reorganizar para garantir o acesso de todos aos serviços adaptando-se às necessidades especiais dos indivíduos com deficiência para que essas pessoas também possam desempenhar satisfatoriamente as suas funções como cidadãos.

A luta para que as pessoas com NEEs contem com as mesmas condições educacionais que o conjunto da população, tem como referência, dentre outras, a Declaração dos Direitos do Homem, de 1948, na qual se afirma que

“[...] todo homem tem direito à instrução” (DECLARAÇÃO..., 1988, art. XXVI). Esse direito foi reafirmado com a proclamação da Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes (1975), com a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989), com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990). (CHICON, p. 26, 2008).

A educação inclusiva tem por objetivo uma educação de qualidade para todos, respeitando a diversidade e à tendo como fator de crescimento, de enriquecimento, de pluralidade, e de abertura de horizontes.

5- A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

No que se refere as aulas de Educação Física e a participação de alunos com deficiência física, percebe-se que também houve grandes modificações no decorrer do tempo. A Educação Física, historicamente, trabalhava com o princípio olímpico, com a seleção do mais forte, do mais ágio e do mais rápido, pessoas que não se enquadravam nesse perfil automaticamente eram excluídas, principalmente as pessoas portadoras de alguma deficiência.

De acordo com Costa e Sousa (p. 28, 2004), no Brasil, o desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência física data de 1958 com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. No início, a educação física tinha como perspectiva médica a importância para a prática de atividade física por pessoas com deficiência. Surge na década de 1950 a Educação Física Adaptada com o objetivo de abranger as especificidades dessas pessoas.

Na Educação Física Adaptada, os alunos com deficiência praticam atividades separadamente dos outros alunos. Essa modalidade tem como objetivo o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor dos estudantes portadores de deficiências. No início, baseava-se na prática dos esportes adaptados cuja origem são os esportes convencionais. Foram criadas adaptações para alguns esportes, pensadas a partir de cada tipo de deficiência, como exemplo, podemos citar o basquete em cadeira de rodas, judô para cegos, natação, vôlei sentado, tênis, tênis de mesa, futebol de sete, futebol de cegos.

Para Costa e Sousa (2004), na educação física e no esporte adaptado, o objetivo é de integrar socialmente, mas o caráter é segregacionista, pois as pessoas portadoras de deficiência não desenvolvem suas atividades entre pessoas que não são portadoras de deficiência.

Na perspectiva da educação inclusiva, a Educação Física passa a trabalhar com todos os alunos, independente das diferenças, no mesmo espaço e tempo, e nas mesmas atividades. Nessa modalidade, o objetivo é o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor, não só dos estudantes com deficiência, mas de todos os estudantes, possibilitando a todos a oportunidade de aprendizagem, interação e convivência entre todos os alunos.

Sendo assim, entendemos que incluir na Educação Física não é simplesmente adaptar essa disciplina escolar para que uma pessoa com NEEs possa participar da aula, mas é adotar uma perspectiva educacional cujos objetivos, conteúdos e métodos valorizem a diversidade humana e que esteja comprometida com a construção de uma sociedade inclusiva. (CHICON, p.28, 2008).

Podemos afirmar que conviver com a diferença e as diversidades humanas é possível, mas teremos que superar valores e princípios estigmatizantes ainda tão presentes nas relações sociais entre os homens (COSTA; SOUSA, p.39, 2004).

Na perspectiva da educação inclusiva, todos os alunos com necessidades educacionais específicas devem ser incluídos em todos os setores da educação, inclusive na Educação Física. Todos os alunos têm o direito de participação ativas nas aulas, por isso precisamos eliminar as barreiras e estigmas estabelecidos em relação aos alunos com necessidades educacionais específicas.

Com o princípio da Inclusão, a Educação Física escolar deve ter como eixo fundamental o aluno e, sendo assim, deve desenvolver as competências de todos os discentes e dar aos mesmos condições para que tenham acesso aos conteúdos que propõe, com participação plena, adotando para tanto estratégias adequadas, evitando a exclusão ou alienação. (AGUIAR; DUARTE, p. 228, 2005).

Para o desenvolvimento da inclusão escolar e de uma educação apropriada e de qualidade para todos os alunos, é importante que o professor de Educação Física planeje e estabeleça estratégias para reorganização de suas práticas, selecione recursos adequados ou adaptados conforme as necessidades de seus educandos, para que seja desenvolvido um trabalho pedagógico que sirva a todos os alunos, sem discriminação.

De acordo com Sousa e Boato (2009), para a Educação Física alcançar todos os alunos, deve tirar proveito das diferenças ao invés de configurá-las como desigualdades.

O conceito de diferença, historicamente entendido como sinônimo de diversidade, é usado, no contexto escolar, para caracterizar grupos ou indivíduos que não correspondem e nem se encaixam nas descrições de sujeitos entendidos como normais para os currículos, conteúdos, disciplinas e práticas pedagógicas determinados pela escola. Portanto, é necessário que a escola e professores entendam que as diferenças individuais no processo de aprendizagem são inerentes à condição humana. (CIASER, 2001, p.9).

Muitas vezes os alunos com transtorno do espectro autista não participam das aulas de educação física e o sucesso de sua participação depende do conhecimento do professor sobre o tema. Para que a aula possa ocorrer de maneira satisfatória contribuindo para o desenvolvimento psicomotor, afetivo e cognitivo é necessário a participação de todos os alunos (SILVA, 2013).

Segundo Tomé (2007), o professor de educação física precisa ter paciência e insistência para elaborar uma aula que contemple seu aluno de forma correta, estabelecendo vínculos positivos, trabalhando o desenvolvimento da independência, preservando a rotina de atividades, sempre com cuidado em relação às regras, jogos imaginários, para não causar qualquer incômodo, insatisfação e a não participação nas aulas por falta de interesse. Devem utilizar de métodos ideais, elaborar estratégias que consigam trabalhar e alcançar a interação e autonomia das crianças com diagnóstico de TEA, estimulando suas capacidades cognitivas e físicas.

As aulas de educação física proporcionam melhoria na qualidade vida, porém, somente a aula não consegue trabalhar todas as necessidades específicas da criança com TEA, por isso é importante que haja uma equipe multidisciplinar envolvida (TOMÉ, 2007).

Marqueze e Mavazzi (2011), defendem que como uma das características específicas do autismo é a rotina estabelecida, as aulas de educação física devem sempre ocorrer no mesmo horário e duração previamente estabelecida, para uma adaptação e costume do aluno.

6- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante os objetivos presentes na revisão referente às possíveis relações da educação física escolar, suas possibilidades e desafios junto ao aluno com transtorno do espectro autista, este tópico apresenta os efeitos de sua participação nos momentos da aula, tanto para os professores quanto para os alunos, quais dificuldades encontradas por ambos e qual a formação dos professores em relação ao tema. As pesquisas apresentam pontos significativos de relevância positivas e negativas, conforme descreve-se a seguir.

Estudos apontaram que as aulas de educação física contribuem positivamente para interação social e melhora o desempenho de desenvolvimento das crianças com TEA (COPETTI, 2012; COSTA; SILVA; SANTOS, 2015; GOELLNER, 2016; SANTOS; RODRIGUES, 2017; ABULQUERQUE; OLIVEIRA, 2018; PEREIRA; FERREIRA; LOPES, 2019) .Isso porque, a educação física escolar permite aos alunos vivenciar experiências de forma significativa, permitindo uma compreensão da linguagem corporal, o respeito aos outros e a si (BRACHT, 2003).

Outros estudos apontam estratégias utilizadas pelos professores de educação física para inclusão dos alunos com TEA (SIQUEIRA, 2011; OLIVEIRA; SILVA, 2015; SILVA, 2015; SILVA; SANTOS 2015). Como por exemplo: atitude acolhedora e de enfrentamento dos professores na experiência com as diferenças/diversidades foram fatores fundamentais para possibilitar a interação entre o aluno com TEA e os colegas nas aulas de Educação Física

Apenas dois estudos relataram interação social prejudicada (LUIZ; MORAES, 2016, ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2018), devido ao isolamento das crianças com TEA durante as aulas.

Em relação às dificuldades de inclusão do aluno com TEA, limitada experiência pedagógica e pouco conhecimento sobre o tema foram informadas (COPETTI, 2012; SOUZA; ASSIS, 2015; SILVA; SANTOS, 2015; QUEDAS-CASTELLI; ASSIS; D'ANTINO, 2016; PEREIRA; SALZANI; MANZINI, 2016; PEREIRA; LOPES, 2019). Tipos de dificuldades encontradas: falta de informação sobre a temática, formação insuficiente, falta de apoio da gestão escolar, falta de momentos para discussão multidisciplinar.

De acordo com Mazzotta (2006, p.4) a inclusão social e escolar se constitui propósito cuja realização depende da ação de cada um e de todos nós.

Faz-se necessário, portanto, refletir sobre o papel do professor no contexto da inclusão escolar do aluno com deficiência. Na maioria dos estudos os professores relataram não conhecer o tema TEA, ou não dispor de conhecimentos técnicos específicos, inclusive conhecimentos próprios da educação física referente aos conteúdos da cultura corporal do movimento.

A seguir apresenta-se quadro que sintetiza os dados dos estudos selecionados para este trabalho.

TÍTULO	AUTORES/ANO	OBJETIVOS	MÉTODOS	RESULTADOS
<p>A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO DOS AUTISTAS</p>	<p>Ezequias da Silva Pereira, Quézia Rosa Ferreira e Carlos Alberto Lopes/ 2019</p>	<p>Verificar por meio de questionário como os professores de Educação Física de três escolas públicas do município de Ilha Solteira – SP aparam os alunos com transtornos espectro autista, pontuar as contribuições da EFE e discutir os resultados</p>	<p>Elaborou-se um questionário composto por quatro questões relativas ao conhecimento dos pesquisados acerca do autismo e de como estes tratam desta questão frente ao alunado. Participaram do estudo 05 professores de 03 escolas públicas de SP. Obs: eles podiam marcar mais de uma alternativa</p>	<p>Em relação aos meios que os profissionais adquiriram conhecimento sobre o autismo: 2 professores responderam no ensino superior (graduação, pós e curso de extensão), 3 responderam em livros, 2 em internet e artigos científicos, 5 em internet e slides e 04 responderam em cursos oferecidos pelas escolas que trabalham e apenas 01 pessoas respondeu curso realizado por iniciativa própria.</p> <p>Em relação as principais dificuldades físicas dos seus alunos autistas: A maioria respondeu coordenação motora global, o restante respondeu: equilíbrio e orientação temporal, responderam orientação espacial e lateralidade e apenas, respondeu coordenação motora fina.</p> <p>E em relação a adaptação do ambiente escolar: Professores relataram que os alunos com o nível grave não conseguiram adaptar, não ficam dentro da sala de aula e recusam fazer atividades, aceitam fazer aula de Educação Física se estiverem sozinhos, não socializam, os de nível leve conseguiram após alguns meses.</p> <p>Cada professor respondeu de acordo com o seu total de alunos, apenas o professor 1 tem três alunos autista, o restante apenas dois. A maioria respondeu que houve evolução. Notou-se que para cada aluno tem a sua individualidade, dificuldades motoras, cognitivas ou de adaptação ao meio escolar e através da exploração nesse assunto, como a formação do professor é importante para executar o seu papel de forma plausível, há diferença da reação das crianças quando frequentam uma escola com as devidas adaptações.</p>

<p>O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A PRÁTICA PROFISSIONAL DA REDE ESTADUAL DE SP</p>	<p>Carolina Quedas Catelli, Silvana Blascovi Assis e Maria Eloisa D'Antino¹ 2015</p>	<p>Descrever e analisar as experiências de professores de educação física na inclusão de estudantes com TEA em escolas estaduais da cidade de SP/ região leste</p>	<p>Abordagem qualitativa e quantitativa realizada por meio de levantamento do perfil do professor e de entrevistas semiestruturadas. 10 professores (6 homes e 4 mulheres)participaram da pesquisa e 19 alunos com TEA (idade entre 7 e 15 anos)</p>	<p>Os resultados apontaram que os profissionais possuem dificuldades ao trabalharem com o estudante com TEA, em virtude da ausência de: 1- informação, 2- formação, 3- apoio da gestão escolar e 4- falta de discussão multidisciplinar que afeta diretamente o aluno.</p>
<p>A PARTICIPAÇÃO DO AUTISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ENTRE TRÊS OLHARES DOCENTES</p>	<p>Simone Aparecida Mariano Luiz e João Carlos Pereira de Moraes/ 2016</p>	<p>Investigar como os professores de educação física que trabalham com crianças Autistas veem a participação desses alunos em suas atividades</p>	<p>Três professores (21 anos, 15 anos e 03 anos de experiência com TEA) de educação física e que trabalham com crianças autistas. Dois professores trabalham na APAE e o outro na rede privada. Através de questionários eles responderam quais são as suas especializações, as facilidades e dificuldades enfrentadas pelos autistas, e se há algum desenvolvimento social no decorrer das aulas A pesquisa foi realizada nas escolas municipais e estaduais Jataí e participaram 05 professores e 05 coordenadores e o instrumento de coleta de</p>	<p>Questão 1- como a proposta de atividade com alunos autistas são feitas? Resposta: são trabalhadas de acordo com as limitações, e alguns adaptam as atividades Questão 2- em relação a interação entre os alunos autistas e o restante do grupo? Resposta: A interação acontece, porém, alguns alunos TEA se isolam e não existe um esforço de aproximação.</p>

<p>ALUNOS AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRABALHO COTIDIANO</p>	<p>Jessica Rezende Souza e Renata Machado de Assis/ 2015</p>	<p>verificar como os professores de EF lidam com alunos autistas durante as aulas, nas escolas públicas de Jataí, com a intenção de verificar facilidades e dificuldades encontradas.</p>	<p>dados utilizado foi a entrevista semiestruturada</p>	<p>Os resultados apontam que os participantes possuem:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Conhecimentos básicos sobre TEA, fundamentado apenas nas experiências vividas. 2- Em relação a prática profissional: O grupo de professores elencou uma lista de limites e dificuldades, como a falta do professor de apoio nas aulas de EF e o exacerbado número de alunos por turma. 3- Profissionais investigados nesta pesquisa possuem um conhecimento empírico similar ao conhecimento dos familiares.
<p>A CONTRIBUIÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA</p>	<p>Claudiella Nunes da Silva Santos, Kesiane Belarmino da Silva, Rayana Priscilla Campos Santos e FranczyKelle Rodrigues Silva/ 2017</p>	<p>Objetivo deste estudo foi analisar as contribuições das aulas de Educação Física para a inclusão do aluno com TEA</p>	<p>Tipo de pesquisa qualitativa. A amostra foi composta por 02 (dois) professores, sendo um de Educação Física e uma pedagoga, ambos fazem parte de uma escola pública do ensino fundamental no município de Marechal Deodoro–AL e trabalham com alunos com TEA</p>	<p>Os resultados mostraram que as aulas de Educação Física contribuem de forma positiva para a inclusão do aluno com TEA em contexto escolar, de forma que as vivências nessas aulas propiciarão melhorias no desenvolvimento das habilidades motoras e nas relações sociais deste aluno.</p>

<p>A INCLUSÃO DE UM ALUNO AUTISTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA</p>	<p>Henrique Barbosa Goellner/ 2016</p>	<p>Descrever a experiência durante o estágio supervisionado em educação física infantil, em um ambiente de inclusão com um aluno autista.</p>	<p>Trata-se de um estudo de caso, descrito através de um relato de experiência. A intervenção foi realizada com um menino cinco anos de idade, pertencente a uma escola estadual de educação infantil no município de Porto Alegre</p>	<p>O planejamento interventivo desenvolvido ao longo de três meses, mostrou uma evolução positiva da criança autista, principalmente nos aspectos de interação (professor e aluno) e aceitação do aluno em um convívio maior com seus pares.</p>
<p>EDUCAÇÃO FÍSICA, AUTISMO E INCLUSÃO: RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA</p>	<p>Mônica Frigini Siqueira/2011</p>	<p>Compreender e analisar o processo de construção de práticas pedagógicas inclusivas no contexto das aulas de Educação Física, com a presença de um aluno autista e descrever os arranjos diádicos na prática pedagógica inclusiva de aluno com autismo nas aulas de Educação Física</p>	<p>Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, tendo como sujeitos uma professora de Educação Física e 25 alunos, de ambos os sexos, sendo um com autismo. Todos com idade de 9 anos, pertencentes são a uma turma regular do Ensino Fundamental I, de uma escola pública, do município de Vitória-ES</p>	<p>Ressignificando a prática pedagógica revelou que a construção de arranjos diádicos nas aulas de Educação Física são necessários e possíveis às práticas inclusivas de alunos com autismo no ensino regular. Foi possível identificar que a atitude acolhedora e de enfrentamento da professora na experiência com as diferenças/diversidades foram fatores fundamentais para possibilitar a interação entre o aluno com autismo com os colegas nas aulas de Educação Física. Cabe evidenciar as ações didático metodológicas organizadas pela professora para promover a inclusão de um aluno com autismo nas aulas de Educação Física regular.</p>

<p>CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA</p>	<p>Bruna de Lima Albuquerque e Marilene Ferreira Lima Oliveira/2018</p>	<p>Analisar se as práticas corporais aplicadas nas aulas de Educação Física escolar auxiliam na interação do aluno com espectro autista, como também investigar os efeitos das aulas no comportamento do aluno, e observar como as brincadeiras podem auxiliar no seu desenvolvimento sócioafetivo.</p>	<p>Estudo de caso de um aluno de sete anos de idade com diagnóstico do espectro autista, em uma escola pública da rede estadual no alto Tietê. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados a escala CARS (Childhood Autism Rating Scale ou Escala de Avaliação do Autismo na Infância), e o aluno apresentou um score de 35 pontos, sendo classificado de acordo com a CARS como autismo leve-moderado.</p>	<p>O aluno apresentou déficits quanto a interação social e a comunicação verbal, porém as atividades propostas, que são naturais da Educação Física escolar, levaram o aluno a ter o contato com as demais crianças, possibilitando que essas áreas fossem trabalhadas.</p>
<p>DIFICULDADES E SUCESSOS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO À INCLUSÃO ESCOLAR</p>	<p>Maria Luiza Salzani Fiorini e Eduardo José Manzini/ 2016</p>	<p>Identificar as situações de dificuldade e as situações de sucesso de dois professores de Educação Física, em turmas regulares em que há alunos com deficiência e alunos com autismo matriculados, para subsidiar o planejamento de</p>	<p>O presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa-descritiva, de natureza observacional, por meio do registro em filmagem de aulas de Educação Física. Participaram do estudo dois professores de Educação Física que atuavam em Escola Municipal de Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, de uma cidade da região Centro-Oeste do Estado de São Paulo.</p>	<p>Conclui-se que, os dois professores de Educação Física encontravam dificuldades, por diversos motivos, para criar condições favoráveis a inclusão dos alunos com deficiência e alunos com autismo, seja em função das estratégias de ensino, dos recursos pedagógicos, da seleção de conteúdos, da presença da professora de sala ou da falta de ações propositivas em relação à inclusão. Mas, a inclusão escolar não ocasionou apenas dificuldades para P1 e P2, pelo contrário, nas aulas de Educação Física também eram vivenciadas inúmeras situações de sucesso e, o mais curioso, nas turmas que ambos os professores relataram como “com dificuldades para incluir”.</p>

		uma formação continuada.		
A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O AUTISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO MUNICIPAL DE ENSINO ASSIS BRASIL (IMEAB) NO MUNICÍPIO DE IJUÍ (RS)	Jocieli Rosane Copetti/ 2012	Investigar quais as dificuldades encontradas pelo professor de Educação Física no processo de inclusão de alunos com necessidades especiais, mais especificamente o aluno com autismo.	A abordagem da pesquisa é descritiva qualitativa, com coleta de dados através de entrevista semiestruturada, realizada com um professor do ensino fundamental e observação de aulas práticas de Educação Física.	As aulas de educação física contribuíram para o processo de evolução do aluno. Proposta positivas com jogos e esportes. Houve dificuldade na inclusão do aluno e limitada experiência pedagógica

<p>DESENVOLVIMENTO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ALUNOS COM AUTISMO E DEFICIÊNCIA VISUAL</p>	<p>Gabriel Gomes da Silva/2015</p>	<p>Descrever e analisar o desenvolvimento das aulas de Educação Física para alunos autistas e com deficiência visual em turmas específica</p>	<p>Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva. Professores de educação física e estudantes sem deficiência</p>	<p>Através do estudo ficou clara que é desenvolver aulas de educação física para pessoas com autismo, apesar das dificuldades de comportamento e deficiência visual com êxito. Para tanto, o professor precisa: 1) conhecimento sobre o tipo de deficiência dos seus estudantes; e 2) motivação para buscar as melhores formas intervenção para uma boa aprendizagem são determinantes</p>
<p>ADAPTAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA: um estudo de caso</p>	<p>Ana Paula Costa, Karine Barros da Silva, Wemyclênia lira dos Santos/ 2015</p>	<p>Analisar como ocorrem as adaptações na Educação Física Escolar para inclusão do aluno autista.</p>	<p>Foi utilizada uma pesquisa de campo e estudo de caso de natureza qualitativa e realizada através de coleta de dados onde os instrumentos utilizados foram a entrevista semiestruturada e o diário de campo. Os sujeitos da pesquisa foram a mãe de aluno autista, professora de Educação Física e aluno autista do sétimo ano do ensino fundamental II de uma instituição de ensino particular</p>	<p>Não foi possível observar 1-nenhuma adaptação para a inclusão do estudante com autismo nas aulas de educação física, 2- a professora não conhece o transtorno, 3- Não há capacitação por parte da escola</p>

<p>EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO ESPECIAL: A RELAÇÃO DE PARCERIA ENTRE PROFESSORES QUE TRABALHAM NO MODELO DE ENSINO COLABORATIVO</p>	<p>Patrícia Santos de Oliveira e Melina Thais da Silva/2015</p>	<p>Investigar as relações de parceria que se estabelecem entre um professor de Educação Física e de Educação Especial que atuam no modelo ensino colaborativo</p>	<p>Estudo de caso de abordagem qualitativa. Para tanto, participaram dois professores do ensino básico, um especialista em Educação Especial atuando no ensino colaborativo e um professor de Educação Física, ambos tinham em comum um aluno com transtorno do espectro autista.</p>	<p>A partir do discurso dos professores entrevistados é possível considerar que o fortalecimento de relações colaborativas efetivas é prejudicado, dentre outros fatores, pela ausência de tempo em comum entre os professores para diálogo, planejamento e reuniões. Concluíram que os professores consigam estabelecer estratégias para inclusão do estudante devem existir momentos de convivência definido dentro do ambiente escolar</p>
<p>A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL PARA INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO ESPECTRO DO AUTISMO</p>	<p>Fabrizio Pires Pinto e Bianca Ege, Daisy de Lima/2019</p>	<p>Avaliar a importância da educação física escolar para a inclusão de indivíduos com o transtorno do espectro autista em sua vida social</p>	<p>Participaram do estudo onze crianças e adolescentes com TEA : Foi aplicado um questionário para avaliar o nível de inclusão dos indivíduos autistas, se a aula de educação física possui um método de inclusão desses alunos, a relação deles com o ambiente escolar, ressaltando a opinião dos pais e professores sobre o tema de ambos os sexos e com média de idade doze e dezessete anos.</p>	<p>Os resultados demonstram uma participação relevante dos entrevistados nas aulas, porém a uma dificuldade em perceber a importância de adaptação para o processo de inclusão.</p>

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma revisão de pesquisas que trataram da inclusão de alunos autistas nas aulas de Educação Física. Inicialmente, é importante destacar a necessidade de ampliar os estudos que abordem a temática, já que poucas investigações foram encontradas nas bases de dados pesquisadas.

Dentre os achados das pesquisas é importante ressaltar a necessidade de investimento na capacitação dos professores, que informaram ter pouco conhecimento sobre o assunto e o papel primordial de momentos que favoreçam discussões da equipe escolar e de uma rede de suporte para formação contínua dos profissionais envolvidos.

Como vimos, para que a inclusão escolar se efetive, é fundamental possibilitar uma maior participação dos alunos nos momentos das aulas de Educação Física e a proposição de atividades que favoreçam a interação com seus pares.

A inclusão do aluno com TEA nas aulas de educação física escolar e, obviamente, na escola regular é direito garantido em lei e traz inúmeros benefícios ao estudante e a comunidade escolar. O aluno com transtorno do espectro autista é capaz de aprender e desenvolver habilidades, apesar das dificuldades inerentes ao transtorno, especialmente no que se refere a socialização. Faz-se necessário, portanto que o docente esteja atento às possibilidades de aprendizagem, nas bases que rejeitam a exclusão e promovem uma educação diversa, participativa e de qualidade para todos.

É importante por fim, não focar apenas nos benefícios das aulas de educação física em relação aos aspectos relacionados à formação geral como o desenvolvimento motor, afetivo, social e cognitivo e sim problematizar as barreiras que impedem indivíduos com TEA de participarem efetivamente das aulas.

REFERÊNCIAS

- 1- AGUIAR, João Serapião de; DUARTE, Édison. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: um estudo na área da Educação Física**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Mai.-Ago. 2005, v.11, n.2, p.223-240.
- 2- American Psychiatric (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM5). Transtorno do Espectro Autista. Atmed,2014
- 2- BOATO, Elvio Marcos et al. Expressão corporal/dança para autistas-um estudo de caso. In: Pensar a Prática, v. 17, n. 1, 2014.
- 3- BLUMBERG, Stephen J. et al. Changes in prevalence of parent-reported autism spectrum disorders in school-aged US children: 2007 to 2011-2012. National Health Statistics Reports.
- 4- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. Caderno CEDES, ano XIX, nº 48, p.69-89, agosto 2003.
- 5- CDC. **Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2014**. Surveillance Summaries, / April 27, 2018 / 67(6);1– Disponível em <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/67/ss/ss6706a1.htm> acessada em janeiro de 2020.
- 6- CDC. **Prevalence of autism spectrum disorders – Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 14 sites**, United States, 2008. Morbidity and Mortality Weekly Report - Surveillance Summaries, v. 61, n. 3, p.1-20, 2012.
- 7- CIASER, Édne Aparecida. **Projeto de educação inclusiva (PR): propostas para a educação na diversidade**. 2001. 145f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

- 8- CHICON, José Francisco. **Inclusão e Exclusão no contexto da Educação Física.** Movimento, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/html/1153/115316019002/>. Acesso em: 12 dez. 2019.
- 9- COPETTI, Jocieli Rosane. A Educação Física escolar e o autismo: um relato de experiência no Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil (IMEAB) no município de Ijuí (RS). 2013.
- 10- COSTA, Alberto Martins da; SOUZA, Sônia Bertoni. **Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.
- 11- COSTA, Ana Paula; DA SILVA, Karine Barros; DOS SANTOS, Wemyclênia Lira. Adaptações na educação física escolar para inclusão do aluno autista: um estudo de caso. **Encontro Alagoano de Educação Inclusiva**, v. 1, n. 1, 2016
- 12- DA SILVA SANTOS, Claudiêlda Nunes et al. A CONTRIBUIÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA. **Encontro Alagoano de Educação Inclusiva**, v. 1, n. 1, 2017.
- 13- DA SILVA, Gabriel Gomes. Desenvolvimento das aulas de Educação Física para alunos com autismo e deficiência visual. **Revista Didática Sistemática**, v. 17, n. 1, p. 27-37, 2015.
- 14- DE OLIVEIRA, P. S.; DA SILVA, Melina Thais. Educação física e educação especial: a relação de parceria entre professores que trabalham no modelo de ensino colaborativo. 2015.
- 15-FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Dificuldades e sucessos de professores de educação física em relação à inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, p. 49-64, 2016.

- 16- Fombonne E. Epidemiology of pervasive developmental disorders. *Pediatr Res.* 2009;65(6):591-8
- 17- GOELLNER, Henrique Barbosa. A inclusão de um aluno autista na educação física infantil: um relato de experiência. 2016.
- 18- Kogan, Michael D. et al. The Prevalence of Parent-Reported Autism Spectrum Disorder Among US Children. *Pediatrics* December 2018, 142 (6) e20174161. Disponível em <https://pediatrics.aappublications.org/content/142/6/e20174161>. Acessado em janeiro 2020.
- 19- LARSON, Jennifer C. et al. Acquisition of internal models of motor tasks in children with autism. *Brain*, v. 131, n. 11, p. 2894-2903, 2008.
- 20- LUIZ, Simone Aparecida Mariano; MORAES, João Carlos Pereira de. A participação do autista nas aulas de Educação Física: entre três olhares docentes. **Efdeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, v. 02, n. 215, p.0-0, abr. 2016.
- 21- MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação Especial no Brasil- História e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2006.
- 22- MARQUEZE, L.; MAVAZZI, L. Inclusão de Autistas nas Aulas de Educação Física. VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Londrina de 08 a 10 novembro de 2011 - ISSN 2175-960X – Pg. 19451956
- 23- MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos; MÜLLER-GRANZOTTO, Lorena. *Psicose e sofrimento*. São Paulo: Summus, 2012.
- 24- PEREIRA, Ezequias da Silva; FERREIRA, Quézia Rosa; LOPES FILHO, Carlos Alberto. A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO DOS AUTISTAS. **Rev. Conexão Eletrônica**, Três Lagoas, Ms, v. 16, n. 1, out. 2019.

25- PINTO, Fabricio Pires; EGE, Bianca; DE LIMA, Daisy. A Educação Física como Meio de Inclusão Social Para Indivíduos com Transtorno Espectro do Autismo. **Anais do Encontro Nacional de Pós Graduação**, v. 3, n. 1, p. 205-209, 2019.

26- QUEDAS-CATELLI, C.; ASSIS, S. B; D'ANTINO, M. E. O transtorno do espectro autista e a educação física escolar a prática do profissional da rede estadual de são paulo. *Revista Investigação Qualitativa em Educação*, v.1, n.1, p.20-35, 2016.

27- RIBEIRO, Sabrina Helena Bandini. Prevalência dos transtornos invasivos do desenvolvimento no município de Atibaia: um estudo piloto. 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

28- SILVA, Bruna de Lima Albuquerque; DE LIMA OLIVEIRA, Marilene Ferreira. CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA. **Diálogos Interdisciplinares**, v. 7, n. 2, p. 87-99, 2018.

29- Monica Frigini. Educação Física, autismo e inclusão: ressignificando a prática pedagógica. Dissertação de Mestrado Acadêmico em Educação Física. Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

29-SOUSA, Greicy Kelly Pereira de; BOATO, Elvio Marcos. **Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de educação física do ensino regular: concepções, atitudes e capacitação dos professores**. *Educação Física em Revista*. Universidade Católica de Brasília – UCB. V.3, n. 2, maio/jun./jul./ago. 2009.

30-SOUZA, J. R.; ASSIS, R. M. Alunos autistas nas aulas de educação física: limites e possibilidades do trabalho cotidiano. In: Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino (EDIPE) do Centro de Estudos e Pesquisas em Didática (CEPED), 6. Goiânia. Anais...

31- TOMÉ, Maycon et al. Educação física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. *Movimento e Percepção*, v. 8, n. 11, 2007.

30-TUCHMAN, R., RAPIN, I. AUTISMO: abordagem neurobiológica. Artmed, 2009.

32- VAGULA, Edilaine; VEDOATO, Sandra Cristina Malzinoti. **Inclusão no ensino regular: desafios e perspectivas.** In: VAGULA, Edilaine; VEDOATO, Sandra Cristina Malzinoti. Educação inclusiva e língua brasileira de sinais. Londrina: UNOPOAR, 2014. P. 3-24.